

June 10, 2020

## **Declaração da SALSA em apoio à Black Lives Matter e Condenando a Violência Estrutural**

A Sociedade para a Antropologia das Terras Baixas da América do Sul (SALSA) acrescenta sua voz à dos manifestantes anti-racistas globais e daqueles que criticam a violação dos direitos humanos à medida que todos enfrentamos essa luta definidora de nosso tempo. A missão da SALSA é promover pesquisas sólidas e éticas sobre questões relacionadas à região da América do Sul, seus povos e seus ambientes, e promover a educação dos estudantes e do público em geral sobre essas questões. Nos últimos meses, denunciemos o impacto das políticas governamentais racistas no Brasil sobre as populações indígenas e quilombolas da Amazônia e além.

Hoje, afirmamos que o assassinato em massa de corpos negros e pardos, diretamente pela polícia e outras violências e indiretamente pela violência estrutural e institucional do acesso desigual à assistência e educação em saúde, também clama por retificação nos Estados Unidos. Devido em grande parte ao apoio explícito do governo dos Estados Unidos, a violência racista aumentou em intensidade e virulência. Os racistas sentem-se apoiados por atores e organizações estatais - como nossos especialistas denunciaram no caso brasileiro. Agora ecoamos o chamado de que as vidas negras importam: Black Lives Matter.

Como acadêmics, estamos em uma posição forte para expor os profundos legados e estruturas do racismo que, de outra forma, poderiam ser invisíveis. É nossa responsabilidade tornar visíveis essas estruturas profundas. Até que se tornem totalmente visíveis, é fácil negar a própria existência dessas estruturas e barreiras. Os legados do racismo e as lutas contra eles são formas persistentes e interligadas com a violência. Eles se manifestam em desigualdades e injustiças, não apenas dentro dos sistemas de policiamento, como a recente e trágica morte de George Floyd dolorosamente exposta, mas também em experiências de saúde e bem-estar, terras e meios de subsistência, e narrativas e imagens populares.

Devemos, por exemplo, expor como a aplicação historicamente racista das leis federais da terra nos EUA leva ao aumento das mortes hoje de negros e pardos por coronavírus. O governo federal dos EUA começou a regular a transferência de terras indígenas conquistadas para os brancos desde a Ordenança da Terra de 1785 e continuou com leis como os Atos da Terra de 1804, 1820 e 1832, e os Atos de Homestead de 1862 e 1909. Todas dessas leis determinou que o governo federal dos EUA faria levantamentos dos territórios conquistados, dividindo em lotes e os vendendo a preços reduzidos ou entregando nas mãos dos colonos. Durante a maior parte dos duzentos anos de história dessas transferências de terras, os brancos - principalmente homens - puderam obter terras do governo federal, mas pessoas de ascendência africana, asiática, nativa ou espanhola foram barradas do título legal para as terras de propriedade. Isso resultou na acumulação maciça de capital terrestre por brancos e no desenvolvimento, durante dois séculos, de enormes desigualdades econômicas. À medida que o capital passa de geração em geração, as desigualdades aumentam e se tornam mais pronunciadas.

Nos EUA, a aplicação da lei federal ao longo dos séculos para criar supremacia econômica e política branca resultou em acesso profundamente desigual aos cuidados de saúde, que é uma manifestação de violência estrutural e racismo. A saúde é enormemente caro nos EUA, um privilégio dos privilegiados. É lógico que viver em uma sociedade que nega aos negros e pardos igual acesso ao capital há séculos, e onde a assistência à saúde é um privilégio e não um direito, as pessoas brancas têm acesso superior aos sistemas de saúde, enquanto os negros e pardos lutam para obter cuidados básicos. A história da desigualdade estrutural e institucional manifesta-se em resultados bastante desiguais durante a epidemia de coronavírus, já que negros e pardos não têm acesso a saúde ou acesso limitado e inferior. Muitos relutam em procurar tratamento devido aos custos e, portanto, procuram tratamento mais tarde e recebem tratamento pior. As taxas de mortalidade desiguais dos negros e brancos durante a epidemia de coronavírus são resultado de desigualdades estruturais desenvolvidas ao longo de séculos de colonialismo e racismo.

Este é um exemplo clássico do que os antropólogos chamam de “violência estrutural,” morte e dano resultantes da estruturação desigual do poder e da riqueza. A representação excessiva de negros e pardos americanos em assassinatos policiais que provocaram protestos em todo o mundo é outro exemplo claro de violência estrutural nos EUA. É nossa responsabilidade, como estudiosxs, expor essas desigualdades racistas. Se não nós, então quem?

Para fortalecer nossos esforços na promoção e prática da justiça racial, a liderança da SALSA se compromete com a criação e o empoderamento de um comitê de membros da SALSA para estudar e fazer recomendações sobre como a Sociedade pode dismantelar quaisquer barreiras de entrada para estudantes, acadêmicxs, ativistas, e líderes comunitários indígenas e afrodescendentes. Enquanto isso, os membros da SALSA continuarão injetando profundidade e nuances nas contas disciplinares e públicas do racismo, através de nosso trabalho acadêmico rigoroso. Através de nossa pedagogia, continuaremos a expor histórias e práticas atuais de violência estrutural, racismo e opressão. Finalmente, por meio de nosso Comitê de Assuntos e Ações Públicas, continuaremos a incentivar a atenção e a ação do público para combater a injustiça, políticas prejudiciais e violações de direitos humanos.



Dr. Carlos D. Londoño Sulkin  
Presidente da SALSA



Dr. Jeremy M. Campbell  
Diretor, Comitê de Assuntos e Ações Públicas